



BIROn - Birkbeck Institutional Research Online

Costa, P.A. and Garcia, I.Q. and Tasker, Fiona and Leal, I. (2020) Adaptação das versões completa e breve da Escala de Relação Coparental (ERC) 1 em uma amostra comunitária de pais e mães Portugueses (Adaptation of the complete and brief version of the Coparenting Relationship Scale in a community sample of Portuguese fathers and mothers). *Revista Psicologia*, ISSN 1984-6657. (In Press)

Downloaded from: <http://eprints.bbk.ac.uk/32589/>

Usage Guidelines:

Please refer to usage guidelines at <http://eprints.bbk.ac.uk/policies.html> or alternatively contact lib-eprints@bbk.ac.uk.

1 **Adaptação das versões completa e breve da Escala de Relação Coparental (ERC)**
2 **em uma amostra comunitária de pais e mães Portugueses**

3 Pedro Alexandre Costa^{1*}, Inês Queiroz Garcia¹, Fiona Tasker², & Isabel Leal¹

4 ¹William James Center for Research, ISPA - Instituto Universitário; ²Birkbeck,
5 University of London

6 *E-mail: pcosta@ispa.pt

7
8 [Citation: Costa, P. A., Garcia, I. Q., Tasker, F., & Leal, I. (in press). Adaptation of the
9 complete and brief version of the Coparenting Relationship Scale in a community
10 sample of Portuguese fathers and mothers. PSICOLOGIA.]

11
12 **Resumo**

13 A Escala de Relação Coparental (ERC) é uma das medidas mais utilizadas para
14 avaliar a relação de coparentalidade. Pretendeu-se avaliar as propriedades psicométricas
15 das versões completa e breve da ERC numa amostra comunitária de 779 pais e mães
16 Portugueses, com idades entre os 23 e os 65 anos ($M = 42.73$; $DP = 5.27$). As análises
17 fatoriais confirmatórias forneceram evidências de um bom ajustamento dos dados,
18 fiabilidade interna e validade convergente, ainda que em ambas as versões tenha sido
19 eliminada a dimensão Divisão de tarefas parentais. Quando à validade discriminante, duas
20 das sete dimensões – Acordo nas práticas parentais e Suporte coparental – não
21 evidenciaram validade discriminante. A validade concorrente também foi testada e
22 confirmada através das correlações entre das dimensões da ERC e as dimensões da RDAS
23 (ajustamento diádico) e do SDQ (ajustamento infantil).

24 **Palavras-chave:** coparentalidade, validação, relação conjugal, ajustamento diádico.

25 **Adaptation of the complete and brief version of the Coparenting Relationship**
26 **Scale in a community sample of Portuguese fathers and mothers**

27 **Abstract**

28 The Coparenting Relationship Scale (ERC) is one of the most used measures to
29 evaluate coparenting relationship. The aim of this study was to evaluate the psychometric
30 properties of the complete and brief versions of the ERC in a community sample of 779
31 Portuguese fathers and mothers aged 23 to 65 years ($M = 42.73$, $SD = 5.27$). Confirmatory
32 factor analyzes provided evidence of good model fit, internal reliability, and convergent
33 validity, although in both versions the Division of labor dimension was eliminated.
34 Regarding discriminant validity, two out of the seven dimensions – Coparenting
35 agreement and Coparenting support - did not show evidence of discriminant validity.
36 Concurrent validity was also tested and confirmed through the correlations between the
37 dimensions of the ERC and the dimensions of the RDAS (dyadic adjustment) and the
38 SDQ (child adjustment).

39 **Keywords:** Coparenting, validation, marital relationship, dyadic adjustment.

40

Introdução

41

42 Nos últimos anos, o conceito de coparentalidade tem assumido um valor preditivo
43 do ajustamento psicológico da criança e dos pais/mães, bem como da compreensão do
44 funcionamento familiar como um todo (Dorsey, Forehand, & Brody, 2007; Feinberg,
45 Brown, & Kan, 2012; Lamela, Figueiredo, Bastos, & Feinberg, 2015; Teubert & Pinquart,
46 2010). Coparentalidade é definida como o conjunto de interações entre as figuras
47 parentais (pais/mães) que dizem respeito ao desempenho das funções parentais como
48 educação, formação, e tomada de decisões sobre a vida dos/as filhos/as (Feinberg, 2003;
49 McConnell & Kerig, 2002). Considerando que é necessária uma boa satisfação na relação
50 de coparentalidade para o bom desenvolvimento da criança assim como a escassez de
51 instrumentos para avaliar este conceito, este estudo teve como objetivo a adaptação e
52 avaliação das qualidades psicométricas da Escala de Relação Coparental (ERC;
53 Coparenting Relationship Scale; Feinberg et al., 2012) para o contexto Português, nas
54 duas versões disponíveis no original; a versão completa e a versão breve.

55 As fundamentações e os modelos teóricos de coparentalidade estão inerentemente
56 associados à teoria estrutural dos sistemas familiares (Altenburger, Schoppe-Sullivan,
57 Lang, Bower, & Kamp Dush, 2014; Minuchin, 1974); sendo que este conceito
58 psicológico surgiu no contexto do estudo das relações familiares face ao divórcio (Frizzo,
59 Kreutz, Schmidt, Piccinini, & Bosa, 2005). Inserida no modelo teórico supramencionado,
60 a coparentalidade, ou relação coparental, refere-se à interação das figuras parentais na
61 partilha da responsabilidade na educação e na prestação de cuidados instrumentais e
62 emocionais à criança (Feinberg, 2003; Hohmann-Marriott, 2011; Lamela, Costa, &
63 Figueiredo, 2010; Margolin, Gordis, & John, 2001; McHale, Kuersten-Hogan, & Rao,
64 2004).

65 As concetualizações mais recentes da coparentalidade abordam o subsistema com
66 uma maior extensão, considerando-o como universal e autónomo da estrutura familiar
67 (Feinberg, 2003; Van Egeren & Hawkins, 2004). No entanto, McHale (1995) sublinha
68 que a coparentalidade – subsistema executivo – desempenha uma função primordial no
69 contexto familiar, influenciando o funcionamento interno de cada indivíduo, as relações
70 entre os pais/mães, e entre estes e a criança (Favez, Tissot, Frascarolo, Stiefel, &
71 Despland, 2016; Reader, Teti, & Cleveland, 2017). A relação coparental, apesar de estar
72 significativamente associada à relação conjugal, difere da mesma pois é concetualizada
73 através de uma abordagem triádica (pai(s)/mãe(s)/criança), que não inclui os aspetos
74 financeiros, românticos, sexuais e emocionais do relacionamento conjugal, e não se reduz
75 aos estilos e práticas educativas das figuras parentais em relação aos/às filhos/as
76 (Feinberg, 2003; Holland & McElwain, 2013; Jia & Schoppe-Sullivan, 2011).

77 Neste sentido, são diversos os autores que ao longo dos anos apresentaram
78 propostas teóricas por forma a contribuírem para uma melhor concetualização no estudo
79 da coparentalidade (Belsky, Crnic, & Gable, 1995; Margolin et al., 2001; McHale, 1995;
80 Van Egeren & Hawkins, 2004). No entanto, foi através do Modelo da Estrutura Interna e
81 Contexto Ecológico da Coparentalidade desenvolvidos por Mark Feinberg (2003) que o
82 conceito de coparentalidade ganhou maior relevância empírica. Feinberg (2002, 2003)
83 propôs que a coparentalidade positiva está relacionada com a competência parental
84 percebida pelas figuras parentais (e.g., saúde mental e/ou expetativas acerca dos papéis
85 parentais), com o comportamento da criança, com uma parentalidade democrático-
86 recíproca (e.g., repertório comportamental das figuras parentais enquanto cônjuges, em
87 famílias nucleares) e pelo ambiente extrafamiliar (e.g., crise económica e/ou suporte
88 social). Feinberg (2003; Feinberg et al., 2012) propôs então um quadro concetual de

89 coparentalidade que assenta em quatro dimensões: (a) Acordo nas práticas parentais, onde
90 é compreendido o grau de concordância (ou discordância) entre as figuras parentais sobre
91 aspetos relacionados com a criança (e.g., princípios morais, disciplina, formas de
92 prestação de cuidados, decisões sobre as necessidades emocionais e a sua segurança). O
93 facto de as figuras parentais discordarem pode resultar em prejuízo – críticas e hostilidade
94 – no âmbito do funcionamento familiar, podendo afetar a consistência das estratégias
95 educativas usadas pelos pais/mães. Apesar disso, as figuras parentais quando “concordam
96 em discordar” conseguem manter altos níveis de apoio coparental mútuo (Feinberg,
97 2002); (b) Divisão do trabalho relacionado com a criança, que compreende a divisão de
98 tarefas e responsabilidades inerentes ao cuidado e assistência à criança, às tarefas
99 domésticas e responsabilidades financeiras, legais e médicas, relacionadas com a criança;
100 (c) Suporte/sabotagem do papel coparental, que se relaciona com o grau de suporte mútuo
101 existente entre as figuras parentais, manifestado através da validação das competências
102 de um deles perante os contributos do papel parental do outro, e, por outro, evidente por
103 padrões de hostilidade e de depreciação perante o parceiro a fim de gerar culpa no outro
104 (Feinberg, 2003); e, (d) Gestão conjunta das relações familiares, que surge como uma
105 poderosa responsabilidade do subsistema executivo, onde são compreendidos três
106 aspetos: conflitos, coligações, e equilíbrio da regulação emocional familiar. O grau em
107 que a criança é exposta a alianças e/ou conflitos interparentais surge como um dos aspetos
108 fundamentais desta responsabilidade, devendo ser procurado o equilíbrio na interação
109 entre pais/mães e a criança (Feinberg, 2003).

110 No decorrer das concetualizações em torno do construto da coparentalidade, e em
111 particular do ponto de vista metodológico, foram vários os instrumentos desenvolvidos
112 com o intuito de avaliar a coparentalidade, desde medidas observacionais (e.g.,

113 Coparenting and Family Rating System; McHale, Kuersten-Hogan, & Lauretti, 2001) a
114 medidas de autorrelato (e.g., Parental Alliance Inventory; Abidin & Brunner, 1995).
115 Contudo, entre os instrumentos de autorrelato de avaliação da coparentalidade, a Escala
116 de Relação Coparental desenvolvida por Feinberg et al. (2012) com base nas dimensões
117 do modelo ecológico da coparentalidade, tem sido das mais utilizadas e investigadas.

118 Feinberg et al. (2012) desenvolveram sete dimensões com base nas quatro
119 dimensões do modelo teórico, tendo sido feita uma divisão *a priori*: (1) Acordo nas
120 práticas parentais; (2) Divisão de tarefas parentais; suporte/sabotagem do papel
121 coparental foi subdividida em três dimensões: (3) Suporte coparental, (4) Sabotagem, e
122 (5) Aprovação parental; gestão conjunta das relações familiares foi renomeada para (6)
123 Exposição ao conflito; e, por fim, uma sétima subescala distinta das dimensões da
124 coparentalidade de Feinberg (2003), foi acrescentada com o intuito de determinar o grau
125 da intimidade e a força da relação coparental, (7) Proximidade coparental. No que se
126 refere à sua aplicabilidade, a ERC tem sido amplamente utilizada em estudos que avaliam
127 a coparentalidade em diversos contextos, como o apoio coparental na amamentação
128 (Abbass-Dick, Stern, Nelson, Watson, & Dennis, 2015), a observação da coparentalidade
129 e do temperamento da criança para o seu ajustamento socio-emocional (Altenburger,
130 Lang, Schoppe-Sullivan, Kamp Dush, & Johnson, 2017), o desenvolvimento de uma
131 medida de compreensão da *gatekeeping* maternal para pais/mães de crianças em idade
132 pré-escolar (Puhlman & Pasley, 2017), bem como na avaliação da coparentalidade
133 durante a gravidez (Altenburger et al., 2014; Favez, Frascarolo, Lavanchy Scaiola, &
134 Corboz-Warnery, 2013). Para além da versão completa da ERC (35 itens), Feinberg et al.
135 (2012) desenvolveram uma versão breve retendo os dois itens concetualmente e
136 empiricamente mais representativos de cada subescala. A versão breve permite que a

137 coparentalidade possa ser avaliada em outros contextos que não clínicos onde o tempo é
138 mais limitado, de forma a que não sejam sacrificadas outras medidas de avaliação nem a
139 qualidade dos dados (Feinberg et al., 2012).

140 No presente estudo, compreende-se então o construto da coparentalidade a partir do
141 modelo proposto por Feinberg (2003). A relação coparental – com um papel central na
142 família nuclear – está associada aos cuidados e deveres em relação à criança que ambas
143 as figuras parentais têm entre si na díade coparental, sem envolver dimensões da
144 conjugalidade. Apesar de serem diversas as investigações no âmbito da coparentalidade
145 e do modelo proposto por Feinberg (2003; Feinberg et al., 2012) surgir como um ponto
146 de referência no estudo da coparentalidade (Lamela et al., 2010; Schoppe-Sullivan &
147 Mangelsdorf, 2013), o uso da ERC ainda é escasso em Portugal.

148 Em contexto português, Lamela e colaboradores utilizaram a ERC em alguns
149 estudos, nomeadamente na adaptação e validação da versão completa da ERC em mães
150 portuguesas (Lamela, Morais, & Jongenelen, 2018) e na versão breve da ERC numa
151 amostra de pais divorciados portugueses (Lamela et al., 2015). Também Pinto,
152 Figueiredo, e Feinberg (2019) criaram uma versão da ERC para pais durante a gravidez
153 – Father's Prenatal version (Pinto, Figueiredo, & Feinberg, 2019). No entanto, nenhum
154 deles materializou a adaptação de ambas as versões (completa e breve) da Escala de
155 Relação Coparental de Feinberg et al. (2012) em pais ou mães Portugueses. O presente
156 estudo pretende assim examinar as propriedades psicométricas de ambas as versões da
157 ERC, permitindo posicionar a ERC em termos teóricos e empíricos no contexto do estudo
158 da coparentalidade, promovendo a adequação cultural da ERC na população Portuguesa.

159

160

Métodos

161 **Participantes**

162 Um total de 779 questionários foram preenchidos por pais/mães, e apenas um pai
163 (30%) ou uma mãe (70%) em cada família, como solicitado no consentimento informado.
164 A idade dos pais/mães variou entre os 23 e os 65 anos ($M = 42.73$; $DP = 5.27$), com cerca
165 de 80% reportando estar num relacionamento legalmente reconhecido (casamento ou
166 união de facto), e apenas cerca de 14% não se encontrando no momento do estudo num
167 relacionamento com outro pai/mãe dos filhos. A maioria dos pais/mães participantes
168 reportaram elevado nível de escolaridade, habitar em localidade urbana, trabalhar a tempo
169 inteiro e manter uma ocupação profissional ou de gestão/técnica. No que diz respeito
170 aos/às filhos/as dos participantes, a idade variou entre os 6 e os 18 anos de idade ($M =$
171 12.09 ; $DP = 3.75$). O número total de filhos/as variou entre um e sete, tendo sido calculada
172 uma média de dois filhos/as por participante. Finalmente, o número de pessoas no
173 agregado familiar variou entre uma e nove, tendo sido obtida uma média de quatro
174 pessoas por agregado (Tabela 1).

175

Tabela 1

Caracterização dos participantes

| | <i>n (%)</i> |
|------------------------------------|--------------|
| Tipo de relacionamento * | |
| Casado(a) | 525 (67.4) |
| União de facto | 96 (12.3) |
| Coabitação (sem vínculo legal) | 38 (4.9) |
| Sem coabitação (sem vínculo legal) | 20 (2.6) |
| Solteiro(a) | 36 (4.6) |
| Divorciado(a)/Separado(a) | 63 (8.1) |
| Viúvo(a) | 1 (0.1) |
| Local de habitação | |
| Urbano/Grande cidade | 332 (42.7) |

| | |
|--|------------|
| Periferia urbana | 222 (28.5) |
| Semiurbano/Cidade pequena | 107 (13.8) |
| Vila | 68 (8.7) |
| Rural | 49 (6.3) |
| Nível de escolaridade | |
| Ensino médio | 25 (3.2) |
| Ensino secundário | 119 (15.3) |
| Ensino pós-secundário (especialização tecnológica) | 33 (4.2) |
| Pós-graduação | 130 (16.7) |
| Curso superior | 472 (60.6) |
| Situação profissional | |
| Emprego a tempo inteiro | 654 (84.2) |
| Emprego a tempo parcial | 29 (3.7) |
| Por conta própria/independente | 19 (2.4) |
| Desemprego | 53 (6.8) |
| Reforma | 6 (0.8) |
| Outra | 16 (2.1) |
| Ocupação | |
| Profissional | 373 (49.5) |
| Gestão/Técnica | 262 (34.8) |
| Especializada não manual | 39 (5.2) |
| Especializada manual | 12 (1.6) |
| Parcialmente especializada | 13 (1.7) |
| Não especializada | 19 (2.5) |
| Outra | 35 (4.6) |
| Rendimento anual do agregado familiar | |
| Até €7.000 | 54 (7.1) |
| Entre €7.001 e €20.000 | 204 (26.9) |
| Entre €20.001 e €40.000 | 267 (35.2) |
| Entre €40.001 e €80.000 | 183 (24.1) |
| Mais de €80.000 | 51 (6.7) |

Nota. *Não obstante alguns pais/mães reportarem não estar numa relação no momento, todos os participantes reportaram partilhar a coparentalidade dos seus filhos.

178 **Instrumentos**

179 Todos os participantes providenciaram informações sobre os/as companheiros (e.g.,
180 idade, género, nível de escolaridade, ocupação) e informação relativa ao relacionamento
181 (e.g., tempo da relação, satisfação com a relação). Os participantes também completaram
182 medidas de ajustamento diádico do casal, deteção de problemas comportamentais e
183 emocionais e avaliação da sintomatologia de humor nos/as filhos/as, e por fim, a versão
184 Portuguesa da Escala de Relação Coparental.

185 *Revised Dyadic Adjustment Scale (RDAS) – Escala de Ajustamento Diádico*

186 **Revista**

187 Busby, Christensen, Crane, and Larson (1995) propuseram uma versão breve da
188 Escala de Ajustamento Diádico (32 itens; Spanier, 1976), com o propósito de avaliar a
189 satisfação relacional. A RDAS é composta por 14 itens divididos em três dimensões de
190 ajustamento diádico: (a) Consenso: 6 itens (0 = “Sempre de acordo” a 5 = “Sempre em
191 desacordo”); (b) Satisfação: 4 itens (0 = “Sempre” a 5 = “Nunca”); e (c) Coesão: 4 itens
192 (0 = “Nunca” a 5 = “Frequentemente”). Existem evidências psicométricas que
193 demonstram a boa aplicabilidade da RDAS em diferentes contextos, nomeadamente em
194 Portugal (Costa, Pereira, & Leal, 2011), em relação à versão original. Todas as dimensões
195 revelaram uma fiabilidade moderada a elevada, Consenso ($\alpha = .79$), Satisfação ($\alpha = .82$)
196 e Coesão ($\alpha = .81$). Resultados mais elevados nas três dimensões refletem um maior
197 ajustamento diádico.

198 *Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ) - Questionário de Capacidades e*

199 *Dificuldades*

200 Os participantes do estudo completaram a versão de pais/mães (crianças entre os 4
201 e os 17 anos) do Questionário de Capacidades e Dificuldades (versão portuguesa e versão

202 original, respetivamente: Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2005; Goodman, 1997).
203 Apesar de serem propostas cinco subescalas compostas por cinco itens cada, estudos
204 recentes sugerem que a versão de três subescalas é mais robusta e mais indicada para
205 amostras comunitárias com baixo risco de problemáticas (Costa, Tasker, Ramos, & Leal,
206 2020; Goodman, Lamping, & Ploubidis, 2010). A versão de três subescalas é composta
207 por (a) Problemas de Internalização; (b) Problemas de Externalização; e (c)
208 Comportamentos Pró-sociais. É pedido aos/as pais/mães que indiquem em que medida
209 observaram cada um dos comportamentos no seu filho/a nos últimos seis meses, numa
210 escala tipo Likert de 3 pontos (0 = “Não é verdade”, 1 = “É um pouco verdade”, 2 = “É
211 muito verdade”). O SDQ é amplamente utilizado pela sua sensibilidade na deteção de
212 problemas comportamentais e emocionais, existindo evidência da sua validade em
213 comparação com outras medidas bem estabelecidas, como a Child Behavior CheckList
214 (CBCL; Klasen et al., 2000; Rothenberger & Woerner, 2004; Warnick, Bracken, & Kasl,
215 2008). A consistência interna demonstrou ser moderada para as dimensões Problemas de
216 Internalização ($\alpha = .74$) e Problemas de Externalização ($\alpha = .78$), e aceitável para a
217 dimensão Comportamentos Pró-sociais ($\alpha = .69$) no presente estudo.

218 ***Coparenting Relationship Scale (CRS no original) – Escala de Relação***
219 ***Coparental (ERC)***

220 Feinberg et al. (2012) desenvolveram uma medida de autorrelato para avaliar a
221 coparentalidade com base no Modelo Ecológico de Feinberg (2003). Esta permite analisar
222 a perceção que o pai ou a mãe têm do apoio do/a parceiro/a e da coordenação de ambos,
223 na educação do/a seu/sua filho/a. Assim como na versão original, a versão Portuguesa da
224 ERC (Lamela et al., 2018) é composta por 35 itens cujas respostas variam numa escala
225 de Likert de 7 pontos (0 = “Não é verdadeiro sobre nós”; 6 = “Muito verdadeiro sobre

226 nós”). É composta pelas sete subescalas medidas nas cinco dimensões da coparentalidade:
227 Acordo nas práticas parentais (4 itens; e.g., “Eu e o/a meu/minha parceiro/a temos os
228 mesmos objetivos para o/a nosso/a filho/a”); Proximidade coparental (5 itens; e.g., “Eu
229 sinto-me próximo/a do/a meu/minha parceiro/a quando o/a vejo a brincar com o/a nosso/a
230 filho/a”); Exposição ao conflito (5 itens; e.g., “Um/a ou ambos/as dizem coisas cruéis ou
231 ofensivas um/a ao outro/a à frente do/a seu/sua filho/a?”); Suporte coparental (6 itens;
232 e.g., “Quando chego ao meu limite como pai/mãe, o/a meu/minha parceiro/a dá-me o
233 apoio extra que eu preciso”); Sabotagem (6 itens; e.g., “O/a meu/minha parceiro/a por
234 vezes faz piadas ou comentários sarcásticos sobre mim como pai/mãe”); Aprovação
235 parental (7 itens; e.g., “Eu acho que o/a meu/minha parceiro/a é um/a bom/a pai/mãe”);
236 e, Divisão do trabalho (2 itens; e.g., “O/a meu/minha parceiro/a gosta de brincar com o/a
237 nosso/filho/a e depois deixa a desarrumação para mim”). A versão breve da ERC é
238 composta por 14 itens (1, 2, 4, 5, 6, 9, 16, 20, 22, 24, 25, 27, 33 e 34), que foram
239 selecionados das sete subescalas (dois itens por subescala), como proposto por Feinberg
240 (2003). Na presente investigação os índices de consistência interna são apresentados na
241 secção Resultados.

242

243 **Procedimentos**

244 Os participantes (pais/mães) foram recrutados através de um email de divulgação
245 do estudo “Parentalidade: Capacidades e Dificuldades” dirigido a escolas e associações
246 de pais em Portugal, que descrevia os objetivos do estudo e as instruções de participação.
247 Foram também facultados os contatos do investigador responsável (primeiro autor) para
248 esclarecimento de qualquer questão sobre o estudo. O questionário foi alojado online na
249 plataforma Qualtrics. De acordo com a Declaração de Helsínquia, todos os participantes

250 tiveram a oportunidade de esclarecer dúvidas sobre os objetivos e/ou procedimentos do
251 estudo por meio de e-mail, bem como foi garantido o anonimato e a confidencialidade
252 antes da aceitação em participar no estudo. Nenhuma compensação foi oferecida aos
253 participantes. Foi obtido o consentimento informado por parte de todos os participantes
254 neste estudo. O parecer positivo da Comissão de Ética do ISPA – Instituto Universitário
255 foi obtido antes do início do recrutamento de participantes.

256

257 **Análise Estatística**

258 As análises estatísticas foram realizadas utilizando o software IBM SPSS Statistics
259 (v. 25) e o programa estatístico AMOS (v. 25). A sensibilidade dos itens foi avaliada
260 através da análise da assimetria (Sk) e da curtose (Ku), com valores absolutos inferiores
261 a três e a sete, respetivamente, denotando ausência de violação grave do pressuposto de
262 normalidade (Kline, 2000). Os modelos hipotéticos de sete fatores e de um fator para a
263 ERC foram testados por meio da análise fatorial confirmatória (AFC). Com base na
264 significância estatística das estimativas de parâmetros, apenas itens com um nível de
265 probabilidade inferior a .05, pesos de regressão estandardizados de .40 ou superior, e
266 cargas fatoriais estandardizadas maiores que .15 foram retidos (Marôco, 2014).

267 O ajustamento global do modelo foi avaliado usando o rácio Qui-Quadrado / graus
268 de liberdade (χ^2/gl), Comparative Fit Index (CFI), Goodness of Fit Index (GFI) e Root
269 Mean Square Error of Approximation (RMSEA). O modelo foi considerado com um
270 ajustamento **aceitável** (“sofrível”) aos dados se χ^2/gl foi inferior a 5, CFI e GFI foi
271 superior a .80, e RMSEA foi inferior a .10, e com um ajustamento bom aos dados se χ^2/gl
272 foi inferior a 2, CFI e GFI foi superior a .90, e RMSEA foi inferior a .05 (Marôco, 2014).

273 A validade convergente foi avaliada através do cálculo da Variância Extraída da
274 Média (VEM; Fornell & Larcker, 1981), uma medida da quantidade de variância que é
275 capturada pelo fator latente em relação à quantidade de variância que pode ser atribuída
276 ao erro de medição. Sempre que a VEM for maior que .50, a validade convergente pode
277 ser considerada adequada (Fornell & Larcker, 1981; Hair, Black, Babin, & Anderson,
278 2009). A validade discriminante foi explorada calculando a correlação ao quadrado dos
279 interfatores com a VEM de cada fator. Para demonstrar a validade discriminante dos
280 fatores, a VEM dos fatores individuais deve ser maior que a correlação ao quadrado entre
281 os fatores (Marôco, 2014).

282 A consistência interna (alfa de Cronbach) e a Fiabilidade Compósita (FC) foram
283 calculadas para cada uma das dimensões da ERC (Fornell & Larcker, 1981; Hair et al.,
284 2009). O alfa de Cronbach e a FC foram considerados como tendo boa fiabilidade se
285 fossem maiores que .80 (Kline, 2000). Finalmente, a validade concorrente foi avaliada
286 pelo cálculo dos coeficientes de correlação de Pearson entre as dimensões da ERC e
287 medidas de critério (Cohen, 1988).

288

289

Resultados

Validade de Construto

291 Foram realizadas Análises Fatoriais Confirmatórias (AFC) para testar as estruturas
292 fatoriais da versão completa (35 itens) e da versão breve (14 itens) da ERC. A
293 normalidade multivariada foi confirmada para todos os itens de ambas as versões, não
294 tendo apresentado problemas significativos de assimetria ($|Sk| < 3$) ou de curtose ($|Ku| <$
295 7).

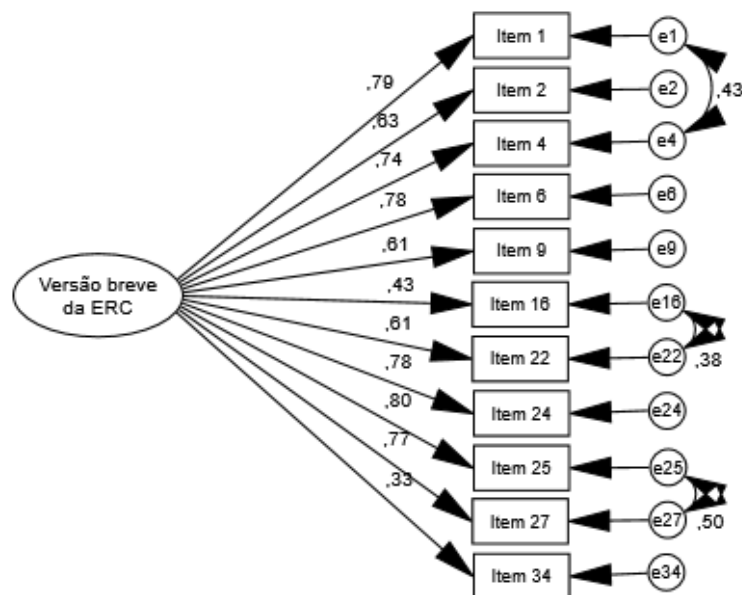
296

Análise fatorial confirmatória da versão completa (35 itens) da ERC

297 O modelo original de sete fatores relativo à versão completa da ERC foi testado,
298 tendo-se encontrado um ajustamento inicial “sofrível”, $\chi^2/\text{gl} = 4.36$; CFI = .89; GFI = .84,
299 RMSEA = .07; $p < .001$; 90% CI [.063-.068]. Com base na análise dos pesos fatoriais, o
300 item 13 (“O/a meu/minha parceiro/a não confia nas minhas capacidades como pai/mãe”)
301 e o item 28 (“O stress de parentalidade levou a que eu e o/a meu/minha parceiro/a nos
302 tornássemos distantes”) apresentaram pesos fatoriais estandardizados abaixo do aceitável
303 ($\lambda = .26$ e $\lambda = .36$, respetivamente). Além disso, o valor das cargas fatoriais
304 estandardizadas do item 5 (“O/a meu/minha parceiro/a gosta de brincar com o/a
305 nosso/filho/a e depois deixa a desarrumação para mim”) e do item 20 (“O/a meu/minha
306 parceiro/a não assume a sua cota parte das tarefas parentais”) estavam abaixo do
307 recomendado ($r^2 = -.01$ e $r^2 = -.04$, respetivamente). Estes quatro itens foram excluídos,
308 sendo por consequência eliminado o fator Divisão de tarefas que era composto apenas
309 pelos itens 5 e 20, e o modelo foi reajustado revelando uma melhoria, $\chi^2/\text{gl} = 4.69$; CFI =
310 .90; GFI = .85, RMSEA = .07; $p < .001$; 90% CI [.066-.072].

311 Os índices de modificação apontaram para uma correlação elevada dos erros dos
312 seguintes pares de itens: 10-27, 26-27, 10-25, 25-27 e 9-15. Após a inserção das
313 correlações, a nova estrutura fatorial de seis fatores foi testada tendo o modelo
314 apresentado um ajustamento aceitável, $\chi^2/\text{gl} = 3.83$; CFI = .93; GFI = .88, RMSEA = .06;
315 $p < .001$; 90% CI [.057-.064]. A Figura 1 apresenta os pesos fatoriais estandardizados e a
316 fiabilidade dos itens individuais da versão completa de seis fatores (31 itens) da ERC.

326 estandardizados ($\lambda = .22$ e $\lambda = -.40$, respectivamente) abaixo do aceitável sendo por isso
 327 eliminados. O item 33 (“Discute sobre a sua relação ou problemas conjugais não
 328 relacionados com o/a seu/sua filho/a, na presença dele/a?”; correspondente ao fator
 329 Exposição ao conflito) foi também eliminado por apresentar um peso fatorial
 330 estandardizado e um valor da carga fatorial estandardizada abaixo do aceitável ($\lambda = .18$;
 331 $r^2 = .03$). Após a eliminação dos três itens, o modelo foi reajustado revelando uma
 332 melhoria, $\chi^2/g1 = 17.86$; CFI = .84; GFI = .83, RMSEA = .15; $p < .001$; 90%CI [.138-
 333 .156]. Os índices de modificação apontaram para uma correlação elevada dos erros dos
 334 seguintes pares de itens: 25-27, 16-22, e 1-4. Após a inserção das correlações, a nova
 335 estrutura fatorial apresentou um ajustamento aceitável, $\chi^2/g1 = 8.30$; CFI = .94; GFI = .92;
 336 RMSEA = .09; $p < .001$; 90%CI [.087-.106]. A Figura 2 apresenta os pesos fatoriais
 337 estandardizados e a fiabilidade dos itens individuais da versão breve da ERC, que passou
 338 de 14 itens para uma versão de 11 itens ajustada à amostra deste estudo.



339

340

Figura 2. Análise Fatorial Confirmatória da versão breve da Escala de Relação Coparental.

341

342 As análises estatísticas subsequentes para testar a fiabilidade, validade
343 discriminante, convergente e de critério foram realizadas com base nesta distribuição de
344 itens pelos seis fatores (versão completa) e na versão unifatorial (versão breve) da ERC.

345

346 ***Fiabilidade***

347 A consistência interna da versão completa de seis fatores (31 itens) e da versão
348 breve (11 itens) está descrita na Tabela 2. Todas as dimensões evidenciaram uma
349 fiabilidade aceitável a boa ($.77 < \alpha < .92$ e $.74 < FC < .97$). O modelo da versão breve
350 evidenciou uma fiabilidade aceitável ($\alpha = .73$), apesar do valor de fiabilidade compósita
351 ser considerado bom ($FC = .90$).

352

Tabela 2

Alfas de Cronbach (α), Fiabilidade Compósita (FC) e Variância Extraída da Média (VEM) das duas versões da ERC

| | Versão completa | | | | | Versão breve | |
|----------|-------------------------------------|---------------------------|--------------------------|-----------------------|-----------|-----------------------|-------|
| | Acordo nas práticas parentais | Proximidade coparental | Exposição ao conflito | Suporte coparental | Sabotagem | Aprovação parental | Total |
| α | .77 | .81 | .89 | .92 | .80 | .89 | .73 |
| FC | .74 | .81 | .90 | .91 | .82 | .90 | .90 |
| VEM | .42 | .53 | .65 | .62 | .48 | .56 | .46 |

353

354 ***Validade convergente***

355 A validade convergente da ERC foi testada através do cálculo da VEM. As
356 dimensões da ERC apresentaram maioritariamente valores aceitáveis (i.e., $> .50$) e
357 variando entre .48 para a dimensão Sabotagem e .65 para a dimensão Exposição ao

358 conflito, excetuando-se a dimensão Acordo nas práticas parentais que apresentou um
359 valor de VEM de .42 (Tabela 2).

360

361 ***Validade discriminante***

362 A validade discriminante para as dimensões da ERC está descrita na Tabela 3. Das
363 quinze possíveis comparações, apenas setes apresentaram validade discriminante,
364 destacando-se duas dimensões em particular Acordo nas práticas parentais e Suporte
365 coparental que partilham mais variância com outras dimensões de coparentalidade do que
366 o aceitável, e por isso sugerindo não serem indicadores empiricamente válidos dos
367 construtos que teoricamente se propõem a avaliar (Tabela 3).

368

Tabela 3

Validade discriminante das dimensões da versão completa de seis fatores da ERC

| Associações entre fatores | r^2 |
|--|-------------------------|
| Acordo nas práticas parentais ↔ Proximidade coparental | .61 |
| Acordo nas práticas parentais ↔ Exposição ao conflito | .11* |
| Acordo nas práticas parentais ↔ Suporte coparental | .84 |
| Acordo nas práticas parentais ↔ Sabotagem | .68 |
| Acordo nas práticas parentais ↔ Aprovação parental | .80 |
| Proximidade coparental ↔ Exposição ao conflito | .03* |
| Proximidade coparental ↔ Sabotagem | .36* |
| Proximidade coparental ↔ Aprovação parental | .66 |
| Exposição ao conflito ↔ Suporte coparental | .08* |
| Exposição ao conflito ↔ Sabotagem | .20* |
| Exposição ao conflito ↔ Aprovação parental | .06* |
| Suporte coparental ↔ Sabotagem | .54 |
| Suporte coparental ↔ Aprovação parental | .86 |
| Suporte coparental ↔ Proximidade coparental | .81 |
| Sabotagem ↔ Aprovação parental | .42* |

Nota. * Assinala evidência de validade discriminante.

369 **Validade de Critério**

370 *Validade concorrente*

371 Para avaliar a validade concorrente da ERC e das suas dimensões com as medidas
372 de critério (ajustamento diádico e problemas comportamentais e emocionais das
373 crianças), foram calculadas correlações bivariadas entre todas as subescalas (Tabela 4).
374 Todas as associações foram estatisticamente significativas e na direção prevista. As
375 subescalas da RDAS evidenciaram correlações negativas moderadas a fracas ($-.60 < r <$
376 $-.24$) com as dimensões Acordo nas práticas parentais, Exposição ao conflito e
377 Sabotagem. De forma similar, as subescalas da RDAS evidenciaram correlações positivas
378 moderadas a fracas ($.46 < r < .24$) com as dimensões Proximidade coparental, Suporte
379 coparental, Aprovação parental e com a escala breve da ERC. As subescalas Problemas
380 de Internalização e Problemas de Externalização do SQD evidenciaram correlações
381 negativas fracas ($-.21 < r < -.12$) com as dimensões Proximidade coparental, Suporte
382 coparental, Aprovação parental e com a escala breve da ERC. Por sua vez, as restantes
383 dimensões da ECR evidenciaram correlações positivas fracas ($.23 < r < .16$) com as
384 subescalas Problemas de Internalização e Problemas de Externalização do SDQ. Quanto
385 à subescala Comportamentos Pró-sociais, as correlações foram fracas e significativas e
386 na direção prevista.
387

Tabela 4

Validade concorrente entre a versão completa e a versão breve da ERC e medidas de critério

| | Consenso ^a | Satisfação ^a | Coesão ^a | Problemas de Internalização ^b | Problemas de Externalização ^b | Comportamentos Pró-sociais ^b |
|--------------------------------------|-----------------------|-------------------------|---------------------|--|--|---|
| Acordo nas práticas parentais | -.28 | -.28 | -.24 | .22 | .17 | -.11 |

| | | | | | | |
|-------------------------------|------|------|------|------|------|------|
| Proximidade coparental | .34 | .34 | .30 | -.18 | -.12 | .12 |
| Exposição ao conflito | -.48 | -.60 | -.35 | .19 | .21 | -.13 |
| Suporte coparental | .46 | .41 | .39 | -.21 | -.16 | .17 |
| Sabotagem | -.35 | -.36 | -.25 | .23 | .16 | -.13 |
| Aprovação parental | .28 | .31 | .24 | -.19 | -.15 | .10 |
| Versão breve | .37 | .35 | .33 | -.17 | -.14 | .13 |

Nota 1. ^a Subescalas que pertencem à Escala de Ajustamento Diádico Revista. ^b Subescalas que pertencem ao Questionário de Capacidades e Dificuldades.

Nota 2. Todas as correlações são significativas ao nível de .01.

388

389

Discussão

390

A Escala de Relação Coparental é uma das medidas mais comumente usadas para

391

avaliar a qualidade da relação de coparentalidade, que se assume como um importante

392

componente do funcionamento familiar como um todo, e com um valor preditivo

393

relevante do ajustamento psicossocial das crianças (Dorsey et al., 2007; Feinberg, 2002;

394

Feinberg et al., 2012). Contudo, esta é uma escala de medida ainda pouco avaliada no que

395

diz respeito às suas qualidades psicométricas fora do contexto Norte Americano, onde foi

396

desenvolvida. Assim, este estudo teve como objetivo avaliar as propriedades

397

psicométricas da versão portuguesa da Escala de Relação Coparental (ERC) e desta forma

398 contribuir para a sua adaptação para o contexto Português. Os resultados globais
399 evidenciaram confiabilidade e validades de construto e de critério para ambas as versões
400 completa e breve da ERC, ainda que após a eliminação de alguns itens em cada uma das
401 versões. Desta forma, este estudo sugere que as versões completa e breve de ERC são
402 confiáveis para avaliar a relação de coparentalidade em pais/mães Portugueses ainda que
403 requeiram mais estudos que corroborem a sua estrutura.

404 No que diz respeito à versão completa da ERC, a análise fatorial confirmatória não
405 suportou a estrutura original de sete fatores proposta pelos autores uma vez que os dois
406 únicos itens que compõem a dimensão Divisão de tarefas parentais foram eliminados por
407 evidenciarem baixos valores de carga fatorial. Este resultado tinha já sido evidenciado
408 em um estudo com uma amostra de mães Portuguesas (Lamela et al., 2018), tendo os
409 autores argumentado que a divisão de tarefas parece ser conceitualmente distante da
410 coparentalidade. Mais, Lamela et al. (2018) e Feinberg et al. (2012) sugerem que a divisão
411 de tarefas é culturalmente situada e com alta variabilidade entre países, não sendo por
412 isso um construto basilar na avaliação da qualidade da coparentalidade. Também no
413 estudo de validação inicial de Lamela et al. (2018), o item 28 (“O stress de parentalidade
414 levou a que eu e o/a meu/minha parceiro/a nos tornássemos distantes”) foi eliminado por
415 não ter obtido um peso fatorial aceitável, ainda que os autores tenham eliminado outros
416 dois itens (itens 6 e 7) que no presente estudo revelaram pesos fatoriais aceitáveis. A
417 eliminação do item 28 no estudo de Lamela et al. (2018) assim como no presente estudo
418 parece sublinhar a sua fraca fiabilidade, sugerindo-se que este item não seja útil em
419 amostras comunitárias e de baixo risco entre as quais os níveis de stress parental são
420 baixos.

421 Para corrigir as correlações entre os erros dos itens (avaliados por meio de índices
422 de modificação - Multiplicadores de Lagrange), foram assumidas quatro correlações para
423 melhorar o ajustamento do modelo. Correlações de erros entre os itens 10-27, 26-27, 10-
424 25, e 25-27 da dimensão Suporte coparental. Em particular o item 27 parece
425 particularmente problemático, cujo erro revelou uma correlação elevada com outros três
426 erros de medida, representando uma forte comunalidade subjacente entre este item e os
427 restantes três. Resultados semelhantes foram reportados no estudo de Lamela et al.
428 (2018), sugerindo uma fraca validade discriminante dos itens que compõem esta
429 dimensão.

430 Não obstante, a estrutura de seis dimensões revelou um bom ajustamento aos dados,
431 assim como bons índices de fiabilidade (através do alfa de Cronbach e da fiabilidade
432 compósita) e evidência de validade convergente (através da variância extraída da média)
433 para a escala completa e para cada uma das seis dimensões que a compõem. No que diz
434 respeito à avaliação da validade discriminante, não foi encontrada evidência para duas
435 dimensões: Acordo nas práticas parentais e Suporte coparental; sendo estas responsáveis
436 por sete das oito comparações em que não foi confirmada validade discriminante. Este
437 resultado sugere que ambas as dimensões podem não ser específicas e precisas o
438 suficiente para avaliar o conceito latente a que se referem, para além do que as restantes
439 dimensões avaliam.

440 De forma semelhante, a análise fatorial confirmatória da versão breve da ERC
441 revelou um bom ajustamento aos dados e também com os índices de fiabilidade e de
442 validade convergente. Contudo, também na versão breve tiveram de ser eliminados os
443 dois itens que compõem a dimensão Divisão de tarefas parentais, e ainda um dos itens
444 que representam a dimensão Exposição ao conflito. Da mesma forma que na versão

445 completa, também na breve foram corrigidas correlações entre os erros, nomeadamente
446 entre os itens 25-27, 16-22, e 1-4. Tendo em conta os parâmetros avaliados neste estudo,
447 pode concluir-se que há evidências de validade de construto da versão completa e da
448 versão breve de ERC numa amostra comunitária e de baixo risco de pais/mães em
449 Portugal, ainda que futuros estudos sejam necessários para corroborar os resultados
450 encontrados no presente estudo.

451 Para avaliar a validade concorrente das versões completa e breve da ERC, foram
452 realizadas correlações simples entre estas e as dimensões da Escala Revista de
453 Ajustamento Diádico (RDAS) e do Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ).
454 No que diz respeito à validade concorrente com a relação diádica, foram encontradas
455 correlações moderadas e na direção esperada entre as três dimensões de ajustamento
456 diádico (Consenso, Coesão e Satisfação) e todas as dimensões de relação coparental e
457 versão breve da ERC. Desta forma, foi encontrada evidência de validade concorrente da
458 ERC quando comparada com uma escala que avalia a qualidade da relação diádica, uma
459 outra componente importante do funcionamento familiar, ainda que conceitualmente
460 independente (Feinberg et al., 2012). Mais, as correlações encontradas entre as dimensões
461 de ajustamento psicossocial das crianças (Problemas de Internalização, Problemas de
462 Externalização, e Comportamentos Pró-sociais) e as dimensões de relação coparental e
463 versão breve da ERC foram todas significativas e na direção esperada, ainda que
464 globalmente mais fracas do que aquelas encontradas com o ajustamento diádico. Este
465 resultado não é surpreendente, uma vez que há uma maior proximidade conceitual entre a
466 qualidade da relação diádica e a qualidade da relação coparental, que dizem ambas
467 respeito à relação entre dois adultos, do que entre a relação coparental e o ajustamento
468 psicossocial das crianças. Ainda assim, foi encontrada evidência de validade concorrente

469 entre a ERC e o SDQ, demonstrado uma associação significativa entre a qualidade da
470 relação coparental e a existência de problemáticas emocionais, comportamentais e sociais
471 das crianças.

472

473 **Limitações**

474 Este estudo teve algumas limitações que devem consideradas na interpretação dos
475 seus resultados. Quanto à amostra do estudo, as características dos pais/mães Portugueses
476 (a maioria dos participantes eram altamente qualificados, com rendimento médio a alto)
477 e os procedimentos de recrutamento (online e por amostragem não probabilística) podem
478 ter influenciado os resultados deste estudo, e por este motivo não serem generalizáveis à
479 população de pais/mães Portugueses. Mais, os questionários preenchidos por pais e mães
480 foram avaliados no seu conjunto, ainda que pais e mães possam ter perceções diferentes
481 da sua relação coparental. Estudos anteriores (Lamela et al., 2018) avaliaram as
482 qualidades psicométricas da ERC numa amostra de mães, sugerindo-se que estudos
483 futuros possam examinar a invariância da estrutura fatorial entre pais e mães. Do ponto
484 de vista metodológico, algumas das dimensões da ERC revelaram fraca validade
485 discriminante além de terem sido encontradas diversas correlações elevadas entre pares
486 de erros da dimensão Suporte coparental, sugerindo que esta dimensão requer uma
487 investigação teórica e metodológica mais detalhada sobre a sua especificidade face às
488 restantes dimensões. Por fim, o presente estudo analisou apenas a estrutura fatorial, a
489 consistência interna e a validade concorrente da versão completa e breve da ERC, e
490 estudos futuros devem avaliar a fiabilidade teste-reteste e a validade preditiva.

491

492 **Conclusão**

493 O presente estudo é um contributo no esforço comum dos investigadores
494 Portugueses para o desenvolvimento de medidas de avaliação da coparentalidade e
495 igualmente de mais estudos de validação de instrumentos para a população portuguesa.
496 De reforçar que este estudo tem singularidades que não foram tidas em consideração ou
497 aplicadas em estudos anteriores, sendo que a sua aplicação foi pensada tanto para mães
498 como para pais. Não se ficou apenas pela validação de uma das versões, mas sim tanto da
499 escala completa como da breve, o que expande o conhecimento sobre a validade e
500 confiabilidade de ambas as versões da escala. Estas especificidades reforçam a
501 importância deste estudo, no entanto, também é de salientar que alguns dados que foram
502 aqui observados (e.g., a eliminação da Dimensão de tarefas) vão ao encontro do estudo
503 original (Feinberg et al., 2012) e de estudos portugueses (Lamela et al., 2015; Lamela et
504 al., 2018). O presente estudo dá resposta à insuficiência de instrumentos validados para a
505 população portuguesa neste domínio e, sendo, este o único instrumento que é sustentado
506 por um modelo teórico de referência, os dados até aqui apresentados demonstram que o
507 ERC aparenta ser uma medida potencialmente válida e confiável para incluir em futura
508 investigação na área da coparentalidade.

509

510

Referências

511 Abbass-Dick, J., Stern, S. B., Nelson, L. E., Watson, W., & Dennis, C.-L. (2015).

512 Coparenting breastfeeding support and exclusive breastfeeding: A randomized
513 controlled trial. *Pediatrics*, 135(1), 102-110. doi:10.1542/peds.2014-1416

514 Abidin, R. R., & Brunner, J. F. (1995). Development of a parenting alliance inventory.

515 *Journal of Clinical Child Psychology*, 24(1), 31-40.

516 doi:10.1207/s15374424jccp2401_4

- 517 Altenburger, L. E., Lang, S. N., Schoppe-Sullivan, S. J., Kamp Dush, C. M., & Johnson,
518 S. (2017). Toddlers' differential susceptibility to the effects of coparenting on
519 social-emotional adjustment. *International Journal of Behavioral Development*,
520 41(2), 228-237. doi:10.1177/0165025415620058
- 521 Altenburger, L. E., Schoppe-Sullivan, S. J., Lang, S. N., Bower, D. J., & Kamp Dush, C.
522 M. (2014). Associations between prenatal coparenting behavior and observed
523 coparenting behavior at 9-months postpartum. *Journal of Family Psychology*,
524 28(4), 495-504. doi:10.1037/fam0000012
- 525 Belsky, J., Crnic, K., & Gable, S. (1995). The determinants of coparenting in families
526 with toddler boys: Spousal differences and daily hassles. *Child Development*,
527 66(3), 629-642.
- 528 Busby, D. M., Christensen, C., Crane, D. R., & Larson, J. (1995). A revision of the dyadic
529 adjustment scale for use with distressed and nondistressed couples: construct
530 hierarchy and multidimensional scales. *Journal of Marital and Family Therapy*,
531 21(3), 289-308. doi:10.1111/j.1752-0606.1995.tb00163.x
- 532 Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.).
533 Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- 534 Costa, P. A., Pereira, H., & Leal, I. (2011). *Desenvolvimento da escala revista de*
535 *ajustamento diádico (RDAS) com casais do mesmo sexo [Development of the*
536 *Revised Dyadic Adjustment Scale (RDAS) with same-sex couples]*. Paper
537 presented at the Actas do VIII Congresso Iberoamericano de
538 Avaliação/Evaluación Psicológica, Lisboa, Portugal.
- 539 Costa, P. A., Tasker, F., Ramos, C., & Leal, I. (2020). Psychometric properties of the
540 parent's version of the SDQ and the PANAS-X in a community sample of

541 Portuguese parents. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 25(2), 520-532.
542 doi:10.1177/1359104519891759

543 Dorsey, S., Forehand, R., & Brody, G. (2007). Coparenting conflict and parenting
544 behavior in economically disadvantaged single parent african american families:
545 The role of maternal psychological distress. *Journal of Family Violence*, 22(7),
546 621-630. doi:10.1007/s10896-007-9114-y

547 Favez, N., Frascarolo, F., Lavanchy Scaiola, C., & Corboz-Warnery, A. (2013). Prenatal
548 representations of family in parents and coparental interactions as predictors of
549 triadic interactions during infancy. *Infant Mental Health Journal*, 34(1), 25-36.
550 doi:10.1002/imhj.21372

551 Favez, N., Tissot, H., Frascarolo, F., Stiefel, F., & Despland, J.-N. (2016). Sense of
552 competence and beliefs about parental roles in mothers and fathers as predictors
553 of coparenting and child engagement in mother–father–infant triadic interactions.
554 *Infant and Child Development*, 25(4), 283-301. doi:10.1002/icd.1934

555 Feinberg, M. E. (2002). Coparenting and the transition to parenthood: A framework for
556 prevention. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 5(3), 173–195.
557 doi:10.1023/a:1019695015110

558 Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A
559 framework for research and intervention. *Parenting, Science and Practice*, 3(2),
560 95–131. doi:10.1207/S15327922PAR0302_01

561 Feinberg, M. E., Brown, L. D., & Kan, M. L. (2012). A multi-domain self-report measure
562 of coparenting. *Parenting, science and practice*, 12(1), 1–21.
563 doi:10.1080/15295192.2012.638870

- 564 Fleitlich, B., Loureiro, M., Fonseca, A., & Gaspar, F. (2005). Questionário de
565 Capacidades e Dificuldades (SDQ-Por). Retrieved from www.sdqinfo.com
- 566 Fornell, C., & Larcker, D. F. (1981). Evaluating structural equation models with
567 unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*,
568 18(1), 39–50. doi:10.2307/3151312
- 569 Frizzo, G. B., Kreutz, C. M., Schmidt, C., Piccinini, C. A., & Bosa, C. (2005). The
570 concept of co-parenting: Implication for research and clinical practice. *Journal of*
571 *Human Growth and Development*, 15(3), 84–93. doi:10.7322/jhgd.19774
- 572 Goodman, A., Lamping, D. L., & Ploubidis, G. B. (2010). When to use broader
573 internalising and externalising subscales instead of the hypothesised five
574 subscales on the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ): Data from
575 British parents, teachers and children. *Journal of Abnormal Child Psychology*,
576 38(8), 1179–1191. doi:10.1007/s10802-010-9434-x
- 577 Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: A research note.
578 *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 38(5), 581–586. doi:10.1111/j.1469-
579 7610.1997.tb01545.x
- 580 Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2009). *Multivariate data*
581 *analysis* (7th ed.). Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.
- 582 Hohmann-Marriott, B. (2011). Coparenting and father involvement in married and
583 unmarried coresident couples. 73(1), 296-309. doi:10.1111/j.1741-
584 3737.2010.00805.x
- 585 Holland, A. S., & McElwain, N. L. (2013). Maternal and paternal perceptions of
586 coparenting as a link between marital quality and the parent-toddler relationship.
587 *Journal of Family Psychology*, 27(1), 117-126. doi:10.1037/a0031427

- 588 Jia, R., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2011). Relations between coparenting and father
589 involvement in families with preschool-age children. *Developmental Psychology*,
590 47(1), 106-118. doi:10.1037/a0020802
- 591 Klasen, H., Woerner, W., Wolke, D., Meyer, R., Overmeyer, S., Kaschnitz, W., . . .
592 Goodman, R. (2000). Comparing the German Versions of the Strengths and
593 Difficulties Questionnaire (SDQ-Deu) and the Child Behavior Checklist.
594 *European Child and Adolescent Psychiatry*, 9(4), 271–276.
595 doi:10.1007/s007870070030
- 596 Kline, P. (2000). *The handbook of psychological testing* (2nd ed.). London: Routledge.
- 597 Lamela, D., Costa, R. N., & Figueiredo, B. (2010). Modelos teóricos das relações
598 coparentais: Revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 15(1), 205-216.
599 doi:10.1590/S1413-73722010000100022
- 600 Lamela, D., Figueiredo, B., Bastos, A., & Feinberg, M. (2015). Typologies of post-
601 divorce coparenting and parental well-being, parenting quality and children's
602 psychological adjustment. *Child Psychiatry and Human Development*, 47(5),
603 716-728. doi:10.1007/s10578-015-0604-5
- 604 Lamela, D., Morais, A., & Jongenelen, I. (2018). Psychometric validation of the
605 Coparenting Relationship Scale in Portuguese mothers. *Avances en Psicología*
606 *Latinoamericana*, 36(3), 585-600.
607 doi:10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5564
- 608 Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. S. (2001). Coparenting: A link between marital
609 conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology*,
610 15(1), 3-21. doi:10.1037/0893-3200.15.1.3

- 611 Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software e*
612 *aplicações* (2nd edition). Pêro Pinheiro, Portugal: Report Number.
- 613 McConnell, M. C., & Kerig, P. K. (2002). Assessing coparenting in families of school-
614 age children: Validation of the Coparenting and Family Rating System. *Canadian*
615 *Journal of Behavioural Science, 34*(1), 44-58. doi:10.1037/h0087154
- 616 McHale, J. P. (1995). Coparenting and triadic interactions during infancy: The roles of
617 marital distress and child gender. *Developmental Psychology, 31*(6), 985-996.
618 doi:10.1037/0012-1649.31.6.985
- 619 McHale, J. P., Kuersten-Hogan, R., & Lauretti, A. (2001). Evaluating coparenting and
620 family-level dynamics during infancy and early childhood: The coparenting and
621 family rating system. In P. K. Kerig & K. M. Lindahl (Eds.), *Family observational*
622 *coding systems* (pp. 151–170). Mahwah, NJ:: Erlbaum.
- 623 McHale, J. P., Kuersten-Hogan, R., & Rao, N. (2004). Growing points for coparenting
624 theory and research. *Journal of Adult Development, 11*(3), 221–234.
625 doi:10.1023/B:JADE.0000035629.29960.ed
- 626 Minuchin, S. (1974). *Families and family therapy*. Cambridge, MA: Harvard University
627 Press.
- 628 Pinto, T. M., Figueiredo, B., & Feinberg, M. E. (2019). The Coparenting Relationship
629 Scale—Father’s Prenatal Version. *Journal of Adult Development, 26*(3), 201–208.
630 doi:10.1007/s10804-018-9308-y
- 631 Puhlman, D. J., & Pasley, K. (2017). The maternal gatekeeping scale: Constructing
632 a measure. *Family Relations, 66*(5), 824-838. doi:10.1111/fare.12287

633 Reader, J. M., Teti, D. M., & Cleveland, M. J. (2017). Cognitions about infant sleep:
634 Interparental differences, trajectories across the first year, and coparenting
635 quality. *Journal of Family Psychology, 31*(4), 453-463. doi:10.1037/fam0000283

636 Rothenberger, A., & Woerner, W. (2004). Strengths and Difficulties Questionnaire
637 (SDQ)--evaluations and applications. *European Child & Adolescent Psychiatry,*
638 *13 Suppl 2*, li1-2. doi:10.1007/s00787-004-2001-7

639 Schoppe-Sullivan, S. J., & Mangelsdorf, S. C. (2013). Parent characteristics and early
640 coparenting behavior at the transition to parenthood. *Social Development, 22*(2),
641 363-383. doi:10.1111/sode.12014

642 Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality
643 of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and Family, 38*(1), 15-28.
644 doi:10.2307/350547

645 Teubert, D., & Pinquart, M. (2010). The association between coparenting and child
646 adjustment: A meta-analysis. *Parenting, 10*(4), 286-307.
647 doi:10.1080/15295192.2010.492040

648 Van Egeren, L. A., & Hawkins, D. P. (2004). Coming to terms with coparenting:
649 Implications of definition and measurement. *Journal of Adult Development,*
650 *11*(3), 165-178. doi:10.1023/B:JADE.0000035625.74672.0b

651 Warnick, E. M., Bracken, M. B., & Kasl, S. (2008). Screening efficiency of the Child
652 Behavior Checklist and Strengths and Difficulties Questionnaire: A systematic
653 review. *Child and Adolescent Mental Health, 13*(3), 140-147.
654 doi:10.1111/j.1475-3588.2007.00461.x

655